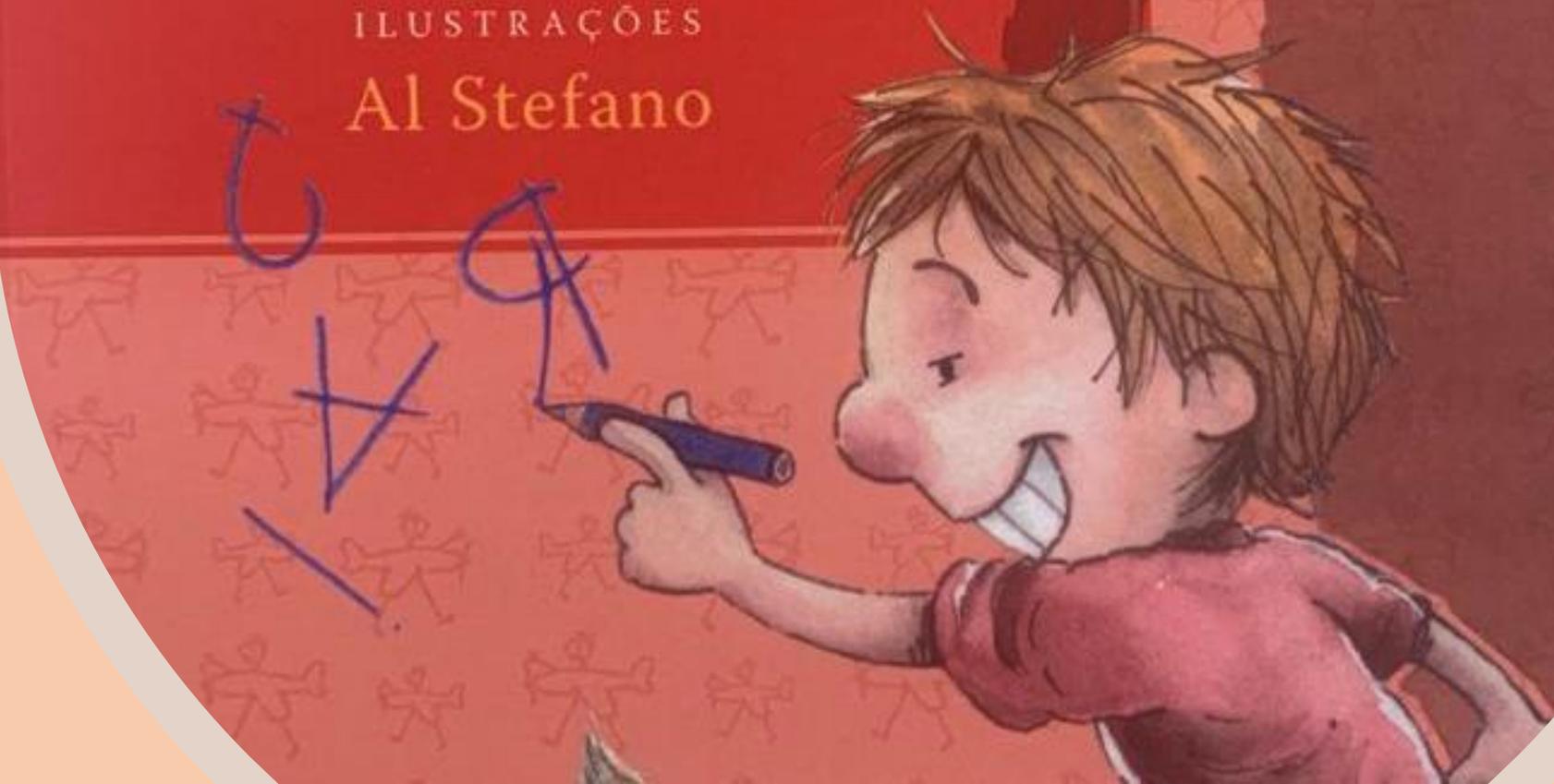
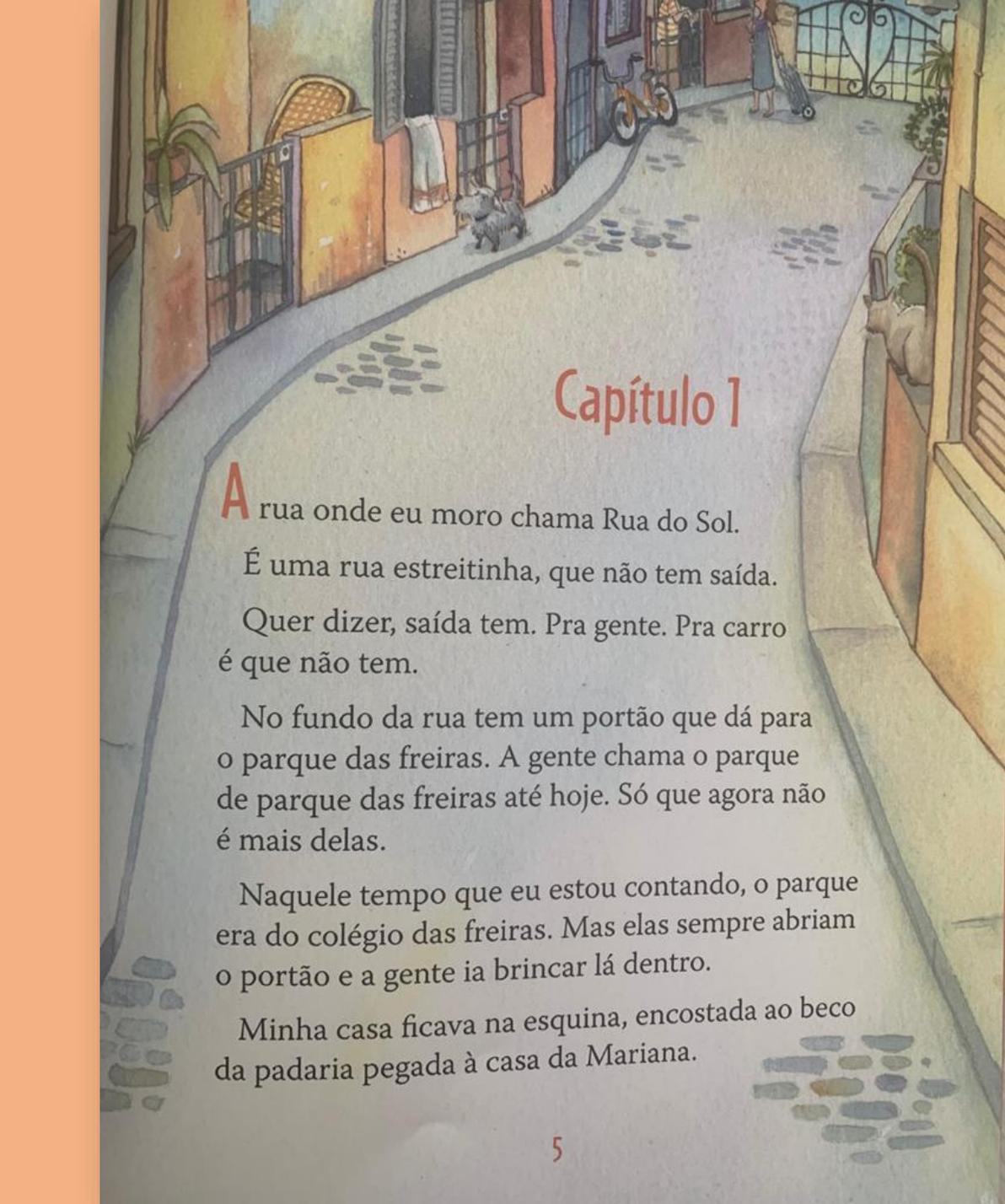


Davi ataca outra vez

ILUSTRAÇÕES
Al Stefano





Capítulo 1

A rua onde eu moro chama Rua do Sol.

É uma rua estreitinha, que não tem saída.

Quer dizer, saída tem. Pra gente. Pra carro é que não tem.

No fundo da rua tem um portão que dá para o parque das freiras. A gente chama o parque de parque das freiras até hoje. Só que agora não é mais delas.

Naquele tempo que eu estou contando, o parque era do colégio das freiras. Mas elas sempre abriam o portão e a gente ia brincar lá dentro.

Minha casa ficava na esquina, encostada ao beco da padaria pegada à casa da Mariana.

A Mariana era uma menina gordinha que tinha um cachorrinho muito cabeludo. Era engraçada, usava cabelo maria-chiquinha.

Foi a Mariana que trouxe o Davi pra nossa turma.

O Davi mudou pra casa da outra esquina, lá na ponta da rua. Ele era muito envergonhado, não falava com ninguém.

Aí o Bingo — cachorro da Mariana — viu o portão da casa do Davi aberto e foi entrando sem pedir licença.

Também, nunca na minha vida eu vi cachorro pedir licença...



Aí o cachorro entrou na casa do Davi e começou a fazer festa pra ele, e ele gostou; e quando Mariana chegou pra pegar o cachorro eles ficaram logo amigos.

No começo, logo que a Mariana trouxe o Davi pra turma, a gente não gostava muito dele não. Ele tinha medo das coisas, não sabia brincar direito...

Também, ele era o menor de todos da rua.

A gente ia convidar o Davi pra brincar, ele falava:

— Minha mãe não quer que eu vou.

— Não quer que eu vá — dizia Mariana.



— Minha mãe não se importa se você vai ou não, ela não quer que eu vou.

Mariana ria e puxava o Davi.

— Ah, vem bobo, vamos brincar!

De tanto que a Mariana chateava, ele acabava indo.

Aí a gente falava:

— Vamos jogar futebol?

E ele respondia:

— Minha mãe não quer que eu me suje.

— Que eu me suje — dizia Mariana.

— Minha mãe tá pouco se importando se você se suja. Ela não quer que eu me suje!





Mariana ria e puxava o Davi.

— Ah, vem bobo!

E ele acabava indo.

E daí a pouco ele já estava amigo de todo mundo e fazendo quase tudo que a gente fazia.

E depois que o Davi entrou na escola e começou a ir todo dia com a gente pra aula, a gente ainda ficou mais amigo.

Ele ia o tempo todo com o lápis na mão, e ia riscando tudo que era parede que ele via.

A gente levou cada corrida por causa disso...

Mas eu estava contando a história do parque das freiras. Era lá que a gente se reunia pra tudo. Pra combinar piquenique, festa de São João ou campeonato de bolinha de gude.

Era lá que a gente jogava futebol e empinava papagaio.

Foi lá que eu aprendi a subir em árvore e a jogar cacheta.

E acho que foi lá que eu aprendi que quando a gente quer muito alguma coisa tem de lutar por ela.



Um dia, eu estava voltando da escola, era mais ou menos uma hora da tarde.

Eu fiquei espantado, porque lá no fim da rua, perto da minha casa, estava toda a nossa turma reunida.

Estavam todos parados, em frente ao parque das freiras.

Tinha uns homens lá, pregando uma placa enorme bem na frente do terreno.

Na placa estava escrito:



O pessoal estava muito impressionado.

— Eles vão fazer um supermercado aí — dizia o Beto.

— Vão estragar nosso parque! — reclamava Mariana.

— Vão acabar com o nosso campinho — gritava Cassiano.

— Mas como é que pode? — perguntou a Gabriela. — O terreno não é das freiras? Elas vão deixar construir esse tal supermercado?

— Minha mãe disse que elas venderam — disse o Cassiano.

A mãe e o pai do Cassiano eram jornalistas. Eles sabiam de tudo que acontecia.

— E o seu Golias já não tem um supermercado aí do lado? Pra que que ele quer outro? — perguntou Mariana.

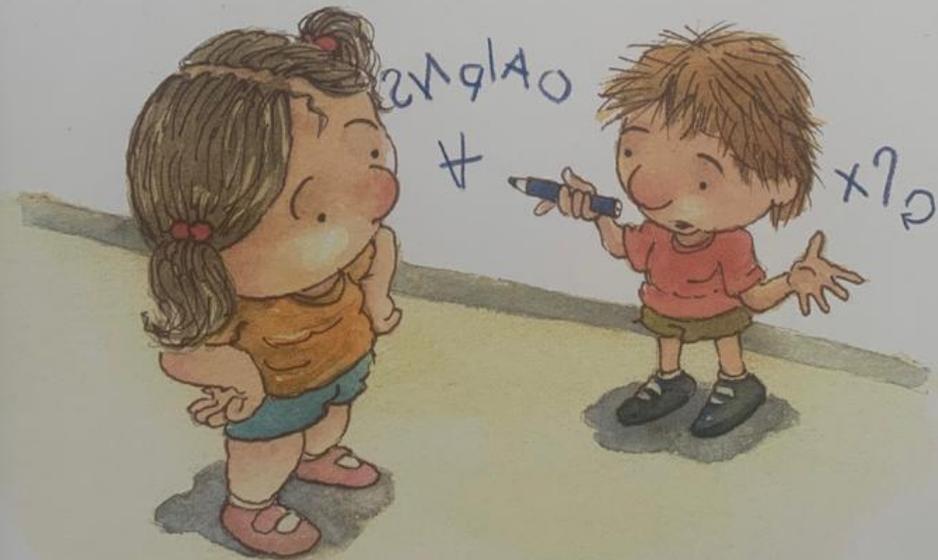
O Davi nessa altura já estava rabiscando muro com uma porção de

OXABOV

que ele tinha aprendido na escola.

— Que você está escrevendo aí? — perguntou Mariana.

— Eu sei lá! Eu ainda não sei ler... — respondeu Davi.



Capítulo 2



Aí a gente resolveu que tinha de falar com o seu Golias.

Fomos eu, a Mariana, a Gabriela e o Beto. E o Davi, que não desgrudava da Mariana.

Seu Golias ficou muito espantado da gente dizer que não queria que ele fizesse o supermercado. Ele era um sujeito esquisito e falava de um jeito gozado:

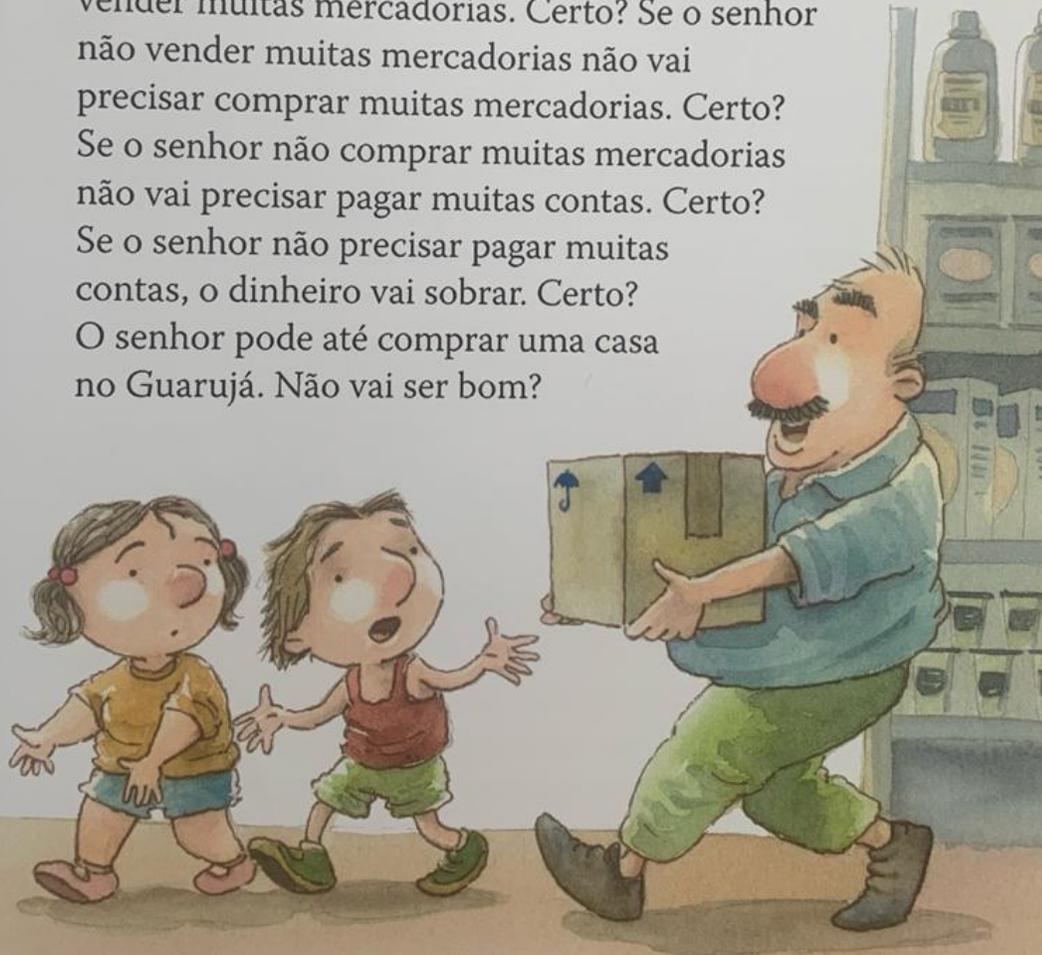
— Olha aqui, meninos, se eu não construir o supermercado não vou vender muitas mercadorias. Certo? Se eu não vender muitas mercadorias não vou ganhar muito dinheiro. Certo? Se eu não ganhar muito dinheiro não vou poder pagar minhas contas. Certo? Se eu não pagar minhas contas vou parar

na cadeia. Certo? Vocês querem que eu vá parar na cadeia? É isso que vocês querem?

— Que é isso, seu Golias? A gente não quer nada disso não — respondeu o Beto.

E então ele começou a imitar o seu Golias.

— Vamos começar tudo de novo. Se o senhor não construir o supermercado não vai poder vender muitas mercadorias. Certo? Se o senhor não vender muitas mercadorias não vai precisar comprar muitas mercadorias. Certo? Se o senhor não comprar muitas mercadorias não vai precisar pagar muitas contas. Certo? Se o senhor não precisar pagar muitas contas, o dinheiro vai sobrar. Certo? O senhor pode até comprar uma casa no Guarujá. Não vai ser bom?



Seu Golias ficou pensando se o Beto estava falando sério ou estava gozando:

— Que é — seu Golias falou —, tão me gozando, é?

— Puxa, seu Golias, não estamos gozando, não! — disse Mariana.

Mas seu Golias não estava gostando da conversa:

— Olha aqui, minha gente, eu estou muito ocupado, não posso perder tempo. O terreno está comprado, certo? Eu vou fazer o supermercado, certo? E isso vai ser um grande progresso para o bairro, certo?

— Erradíssimo! — disse Mariana. — Supererrado! Ultraerrado! Supermercado tem muitos! O senhor mesmo já tem um. E parque, neste bairro, não tem nenhum!

Nessa altura seu Golias reparou que o Davi estava escrevendo na parede uma porção de letras.

A collection of blue, hand-drawn letters and symbols on a wall. The letters are arranged in a somewhat chaotic order, including 'O', 'A', 'P', 'J', 'X', 'E', 'H', and 'I'. Some of the letters are stylized or combined, and there are also some symbols that look like a plus sign and a cross.

Aí seu Golias ficou louco da vida.

— Chega de conversa! Eu tenho mais o que fazer do que ficar dando satisfações a um bando de pirralhos! E esse pequenininho que fica rabiscando minhas paredes! Onde é que já se viu?



— Ih, seu Golias — a Mariana falou —, já se viu no bairro inteiro. É só o que o Davi faz... Rabiscar a parede em toda parte!

— Pois vá rabiscar a parede no raio que o parta!
— gritou seu Golias furioso.

E lá fomos embora, com seu Golias gritando atrás da gente.

E o Davi ia dizendo:

— Minha mãe não quer que eu vou neste tal de Raiquioparta.



Capítulo 3

A gente então resolveu fazer uma reunião pra conversar sobre o que é que se podia fazer.

A reunião foi na casa do Caloca. A mãe dele chegava tarde em casa, e a gente podia ficar conversando sem ninguém ficar ouvindo. E graças a Deus ele não tinha irmãos mais velhos, que querem mandar na gente, nem irmãos mais moços, que se metem em tudo.

A gente discutiu um bocado antes que alguém tivesse uma ideia boa:

— O seu Golias só pensa em ganhar dinheiro, não é? — disse o Beto. — Então o jeito é atrapalhar tanto os negócios dele que ele fique louco e desista do supermercado.

— E como é que a gente pode atrapalhar os negócios dele? — perguntou Mariana.

— Ah, isso é fácil — disse Cassiano, que era louco por uma desordem.

— Eu vou lá e derrubo as latas, solto umas bombinhas, pego os frangos e jogo tudo no chão e...



— Chega, Cassiano! — gritou Madalena. — Assim a gente não consegue nada. Seu Golias pega a gente pela orelha e ainda chama a polícia, chama os Bombeiros, chama o Exército da Salvação e, pior ainda, chama o pai da gente! A gente tem que atrapalhar os negócios dele de um jeito mais disfarçado... Que as pessoas não percebam que é de propósito...

— Eu sei um jeito bom — disse o Beto. — A gente pega um montão de bala, depois vai no caixa, deixa a moça fazer aquelas contas todas e depois a gente fala que não tem dinheiro pra pagar.

— Essa é boa! — disse o Caloca. — E eu posso arrancar os preços das coisas, que fica a maior confusão!

A Madalena também teve uma boa ideia.



— E a gente pode trocar as coisas de lugar. Depois ninguém encontra o que foi procurar...

— Eu posso dar umas voltas de patins lá por dentro? — perguntou o Cassiano, que queria de todo jeito fazer bagunça.

— Um pouco, pode — disse o Beto —, mas não demais, pra não dar na vista.

— E quando é que nós vamos começar? — quis saber o Caloca.

Beto pensou um pouco:

— Acho que a gente devia começar no sábado, que é o dia em que o supermercado fica mais cheio.

E a reunião acabou, que a mãe do Caloca estava chegando e a gente não queria que ela desconfiasse de nada.

Capítulo 4



No sábado nós esperamos que o supermercado ficasse bem cheio. Então a turma foi entrando e se espalhando lá por dentro.

O Beto juntou um carrinho cheio de balas, bombons, biscoitos, chocolates e se pôs na fila do caixa pra pagar.

As pessoas passavam e achavam graça:

— Puxa, menino, vai comer tudo isso? Olha a dor de barriga, hein?

— Menino guloso, hein?

— Vai ter festa em casa, neném?

E o Beto, firme.

Aí ele chegou no caixa, a moça somou o preço de tudo. Fez uma tira de papel de um metro de comprimento.

Quando acabou de somar, o Beto, muito inocente, disse:

— Ué! tudo isso? Meu dinheiro não dá não. É melhor devolver tudo pro lugar...

A moça ficou vermelhinha de raiva e chamou o gerente:

— Seu Asdrúbal, venha cá, por favor!



Enquanto isso o Cassiano já estava pra lá e pra cá de patins. Não sei como é que ele conseguiu entrar de patins. O gerente já tinha mandado um empregado atrás dele, mas ele se escondia atrás das pilhas de latas, se enfiava entre as filas de mercadorias, e o coitado do empregado não conseguia descobrir aonde ele ia.

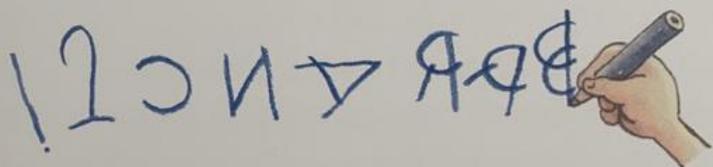
Ao mesmo tempo Mariana, Gabriela e Madalena estavam trocando tudo de lugar. Já tinha frango no lugar dos ovos, ovos no lugar do café e café no lugar do desodorante. Tinha cebola no meio dos sabões, tinha queijo no meio dos feijões e tinha cadernos no meio da farinha de trigo.



O gerente corria de um lado pro outro. E no meio da confusão o Caloca começou a trocar as compras dos carrinhos, enquanto os compradores estavam distraídos.

E era um tal das pessoas chegarem no caixa e começarem a reclamar que não tinham comprado nada daquilo, o que é que estava acontecendo, meu Deus?

O Davi só o que fazia era rabiscar as paredes do supermercado do mesmo jeito que ele fazia na rua. Uma porção de letras, que não queriam dizer nada, *as, bês, cês*, e até *erres*, todas ao contrário assim:



Às vezes ele escrevia umas palavras inteiras, mas não dava para entender grande coisa.

Quando seu Golias ouviu o barulho, lá do escritório, veio ver o que é que havia e ficou furioso, porque ele logo reconheceu a turma e percebeu que era tudo molecagem.

Então começou a gritar, que ia chamar a polícia, e coisa e tal, e nós, quando vimos a coisa malparada, tratamos de dar o fora. E saímos correndo pelo beco da padaria e só fomos parar na outra rua, longe da vista do seu Golias.

Capítulo 5



A gente pensou que ia ficar por isso mesmo, mas, quando chegamos em casa, cada pai e mãe estava com uma cara de meter medo. Seu Golias foi dar queixa de todos na casa de um por um.

Não sei qual dos pais e qual das mães estava mais bravo.

O Caloca era mais feliz que a gente, que a mãe dele é separada do pai, e o pai dele mora no Rio Grande do Sul e só tinha um pra brigar com ele.

Mas foi um tal de palmada pra cá, castigo pra lá, o-senhor-não-vai-ver-televisão-o-mês-inteiro-o-senhor-não-sai-de-casa-para-nada! O-que-é-que-eu-fiz-meu-Deus-para-merecer-um-filho-tão-levado etc., etc. Essas coisas que pai e mãe falam quando ficam bravos.



E os pais e as mães até se reuniram na casa do seu Brizola e da dona Brites, que são os pais do Beto, e combinaram que não iam deixar a gente sair de casa uma semana inteirinha.

Só ir pra escola e voltar; e assim mesmo ia um adulto levando a gente que era pra gente não conversar. E nem falar ao telefone, que a gente podia combinar alguma estripulia.

O único que escapou da briga foi o Davi, porque era pequeno e todo mundo achava que ele não sabia o que estava fazendo.

E o Davi não perdia tempo. Enquanto todo mundo estava preso em casa, lá ia ele rabiscando furiosamente tudo quanto era parede.

E eram *bês*, *quês*, *eles* e uma porção de *erres* ao contrário, mas agora ele já escrevia alguma coisa direito.



Capítulo 6

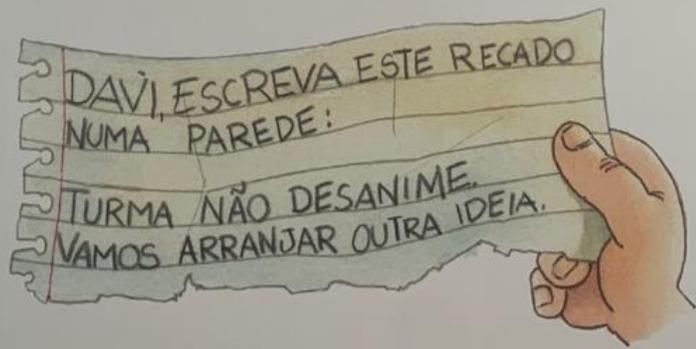
No primeiro dia do castigo ninguém teve vontade de fazer nada.

E como a gente não podia conversar, não saía nenhuma ideia da cabeça.

Ficou todo mundo em casa, cada um mais emburrado que o outro.

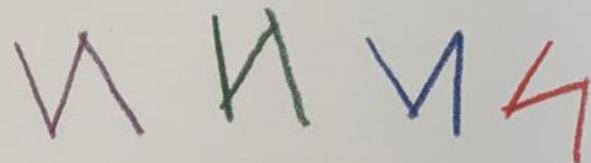
No dia seguinte, depois que eu voltei da escola, fiquei na janela, desanimado, só vendo o Davi, que andava de um lado pro outro, rabiscando tudo que era muro que ainda estava limpo. Eu estava louco pra mandar um recado pro pessoal, mas como?

Aí eu tive uma ideia. Peguei o meu estilingue e joguei uma bolinha de papel pro Davi. No papel estava escrito um recado pra turma e bem em cima eu escrevi, em letras de fôrma:

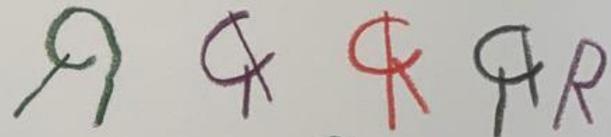


O Davi adorou! Se pôs a escrever no muro da casa do Beto. Mas agora ele já lia bem, só que ele escrevia de um jeito que só mesmo nós entendíamos.

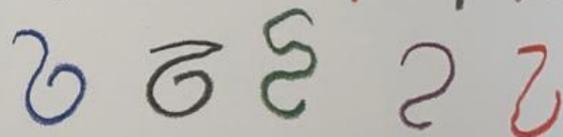
Os enes assim:



Os erres assim:



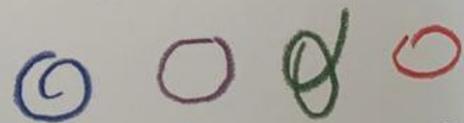
E os esses assim:



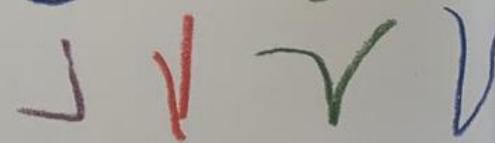
E ele ainda errava algumas letras e riscava assim:



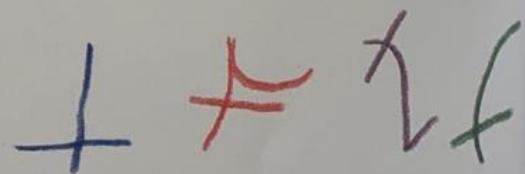
Os ós ficavam assim:



E os vês ficavam assim:



Os tês ficavam assim:



Ficavam umas frases muito esquisitas. Mas nossa turma entendia. Foi só o Davi acabar de escrever e eu vi, lá na casa do Caloca, um papagaio subindo, subindo.

De repente, o papagaio caiu bem perto do Davi.

Davi correu, pegou o papagaio e logo encontrou alguma coisa amarrada no rabo.

Pensou um bocadinho e já começou a rabiscar um outro muro.

Nessa altura, quem prestasse atenção ia reparar que por trás de cada janela havia alguém espiando.



E cada vez que o Davi parava de escrever aparecia um brinquedo qualquer: bola de soprar, flecha, aviãozinho, sempre com recado pregado nele. E o Davi, animadíssimo, ia copiando nossos recados pelos muros de um lado e do outro da rua, de maneira que todos podiam ler. E assim a gente foi combinando o que fazer. E quem passasse por ali não entenderia nada do que estava escrito, de tanto que o Davi invertia as letras, que saíam todas ao contrário.

Às tantas, o delegado, pai do Sivuca, aquele louro branquela que tocava acordeão e que morava na Avenida, passou pela nossa rua e começou a examinar aqueles escritos todos e foi ficando desconfiadíssimo.

Capítulo 7

Até que a polícia fizesse planos e resolvesse quem é que ia vigiar a rua, a jornalista já estava lá, decifrando os garranchos do Davi.

Quando os policiais chegaram, o Davi já estava dormindo em casa, nós todos estávamos trancados de castigo e a jornalista já tinha voltado pro jornal dela.

Por isso nenhum de nós viu nenhum movimento, ninguém se deu conta de que os policiais passaram a noite fotografando os recados do Davi, entrando e saindo da rua e discutindo muito, até que foram embora quando o dia já estava clareando.



Acho que nessa altura já tinham desistido de descobrir mafiosos.

O resto da semana nós passamos preparando o que estava combinado. E quando chegou o sábado nós todos ficamos esperando o sinal do Davi, todo mundo espreitando na janela.

Quando eram umas dez horas o Davi passou com um papagaio na mão, mas sem empinar.

Então, em cada janela foi aparecendo uma coisa vermelha.

Na casa do Cassiano uma bola, na casa da Mariana um avião, na minha casa um carro de bombeiro, na casa do Beto... nada!





Isso queria dizer que o Beto não estava pronto pra sair. Então o Davi passou de novo pela rua toda, com o papagaio abaixado. Depois de um tempinho, ele voltou e foi passando na casa de um por um.

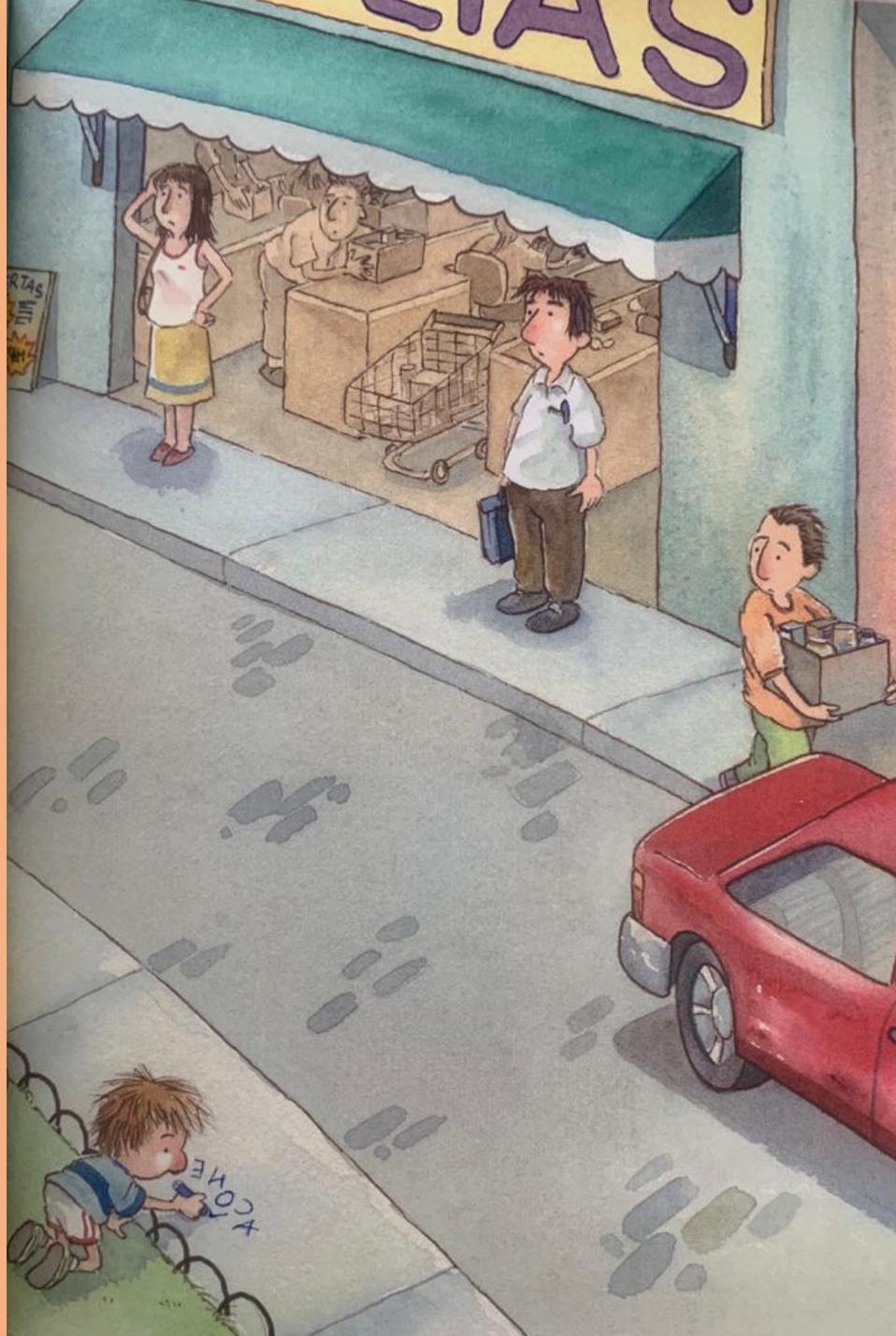
Nessa altura, na casa do Beto já tinha uma boneca de roupa vermelha pendurada. Estavam todos prontos. Então o Davi começou a empinar o papagaio, e o papagaio foi subindo, e ele veio correndo pelo meio da rua, puxando o papagaio, que vinha flutuando, e o rabo do papagaio vinha rodando, brilhando, que ele era todo enfeitado de papel prateado.

E então nós saímos correndo de casa, cada um com seu cartaz na mão, que durante a semana a gente tinha preparado, cada um, um cartaz diferente.

E nós todos corremos pra frente do supermercado e começamos a andar de um lado pro outro como a gente vê as pessoas fazerem na TV.

Nos cartazes estava escrito:





Capítulo 8

E de repente estava a maior confusão na porta do supermercado.

Aquela tal de jornalista tinha trazido gente da TV, dos jornais, das rádios e todos queriam filmar a gente e fazer entrevista e tudo, como fazem com as pessoas famosas.

E quando o povo do bairro viu que a TV estava filmando tudo, todo mundo queria entrar na passeata que era pra sair na TV.



Juntou gente que não acabava mais e cada um trazia uma faixa, e até o filho do seu Golias, o Filisteu, e o filho do delegado, o Sivuca, já estavam no meio e gritavam junto com a gente:

- Abaixo o supermercado!
- Queremos é o parque!

E de repente apareceu o seu Golias e ficou louco da vida e pegou o Filisteu pela orelha e levou lá pra dentro. E eu não sei se foi seu Golias que chamou a polícia ou se a polícia veio por conta própria; mas os guardas começaram a achar graça, não sei por quê.



No meio da confusão, de repente, eu vi o meu pai, a mãe da Madalena, a avó da Mariana, todo mundo espantadíssimo, sem saber o que fazer.

E de repente chegou um carro grande, todo preto, e desceu um homem que cumprimentava todo mundo, e era o prefeito.

Meu pai, depois, disse que o prefeito só veio porque era época de eleições.

Eu não sei, nem quero saber.

A verdade é que ele veio e todos os repórteres foram falar com ele e eu vi um moço alto perguntando pra ele se ele não ia dar o parque pras crianças.

Quando seu Golias viu o prefeito, veio correndo lá de dentro gritando “não tenho culpa”, “não tenho culpa”!

E apareceu o padre da igreja da praça e a chefona das freiras, e um homem que era de um clube de amigos do bairro, que eu nunca tinha ouvido falar.

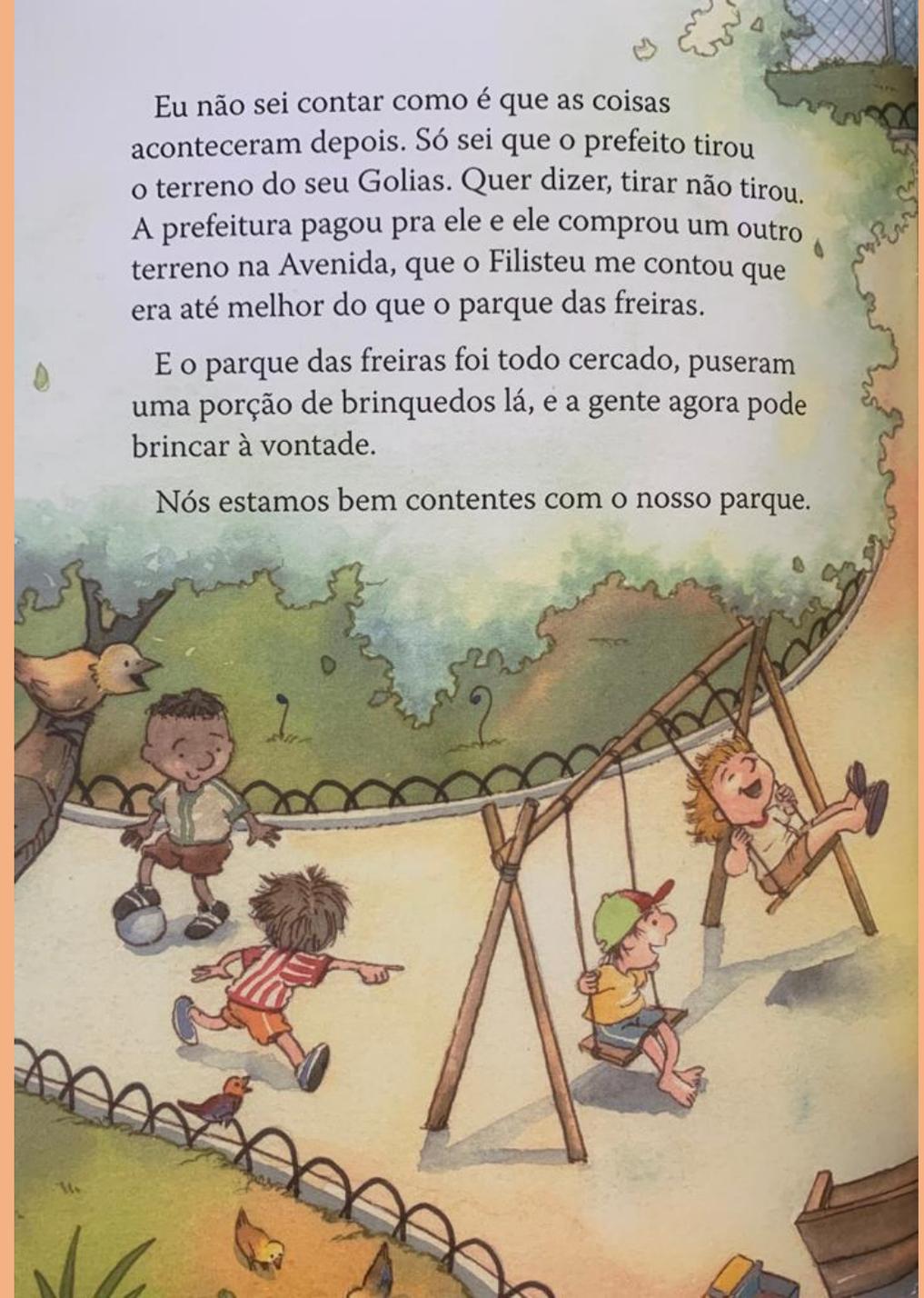
E todo mundo falava ao mesmo tempo e às tantas eu me assustei porque os pais e as mães que até tinham posto a gente de castigo por causa do supermercado estavam lá, brigando com o prefeito e dizendo que as crianças tinham toda razão.



Eu não sei contar como é que as coisas aconteceram depois. Só sei que o prefeito tirou o terreno do seu Golias. Quer dizer, tirar não tirou. A prefeitura pagou pra ele e ele comprou um outro terreno na Avenida, que o Filisteu me contou que era até melhor do que o parque das freiras.

E o parque das freiras foi todo cercado, puseram uma porção de brinquedos lá, e a gente agora pode brincar à vontade.

Nós estamos bem contentes com o nosso parque.





E vocês sabem que coisa engraçada aconteceu?

Pois lá na Rua da Saudade, pra cima da Rua Dois, tinha um terreno grandão onde os meninos brincavam.

Aí vieram uns homens e pregaram um aviso:



Pois não é que os meninos da rua estão se organizando pra não deixar fazer o tal supermercado?

E nós, da Rua do Sol, já nos oferecemos:

— **Se precisarem de ajuda, é só chamar!**

